

ECONOMIA COLONIAL.

FRANCISCO IGLÉSIAS

da Universidade Federal de Minas Gerais.

De José Roberto do Amaral Lapa é o livro *Economia colonial* (*), que representa contribuição para a historiografia econômica brasileira. Nele se reúnem quatro ensaios: um inédito e três que eram de difícil acesso pela publicação em revistas especializadas. Feliz, pois, a idéia de reuni-los em volume que se apresenta com unidade. De fato, a análise do comércio em área de mineração, drogas orientais, um agricultor ilustrado do século XVIII e história de um navio, embora sejam quatro temas distintos, revela muito de comum, como demonstrar certos traços da economia colonial, a raridade dos assuntos, a pesquisa ampla e em fontes quase desconhecidas, a erudição. Se a história antiga já recebeu contribuições para o seu esclarecimento, ainda tem obscuridades sem conta, uma vez que os autores insistem nas matérias consagradas, que constituem espécie de historiografia oficial: fala-se demais no açúcar e no ouro, menos em produtos como algodão, tabaco, enquanto outros aspectos nem são examinados. O mérito principal da pesquisa de Amaral Lapa é dar atenção a esses problemas que ficam na sombra.

O que se evidencia com o simples enunciado do conteúdo do livro: comércio em área de mineração trata do Oeste, do roteiro Madeira-Guaporé, do sistema Arinos-Tapajós, da vizinhança castelhana, da presença indígena nas viagens — ponto alto do estudo — e comércio monçoeiro. É matéria importante e que poucas atenções mereceu, só em rápidos artigos ou monografias técnicas — relatórios em documentos oficiais, diários de viajantes, obras históricas. Em abordagem de nível superior, *Monções* (1945), de Sérgio Buarque de Holanda do qual deverá sair nova edição, muito ampliada pelas extensas pesquisas em arquivos de Mato Grosso, pouco conhecidos (Amaral Lapa

(*). — Coleção Debates, 80. São Paulo. Editora Perspectiva. 1973. 299 pp.

não trabalhou neles). O livro citado, porem, como os estudos de Tannay, trata do fenômeno monçoeiro do Tietê e Paraná, com vagas referências ao Norte, objeto do volume que ora se comenta, como o autor mesmo justamente observa (p. 16).

A investigação sobre as drogas orientais é outra matéria significativa e pouco estudada. Em partes que tratam das perspectivas econômicas, ensaios agrícolas do século XVII, tentativas de incremento de produção, iniciativa jesuítica desdobra-se o tema. Que é de trato difícil e exigiu leitura de obras científicas, fontes primárias e secundárias, além de livros de história. É esforço paciente e que dá notícia de assunto essencial para o passado econômico, sem análise pela aparente falta de importância das experiências com drogas exóticas. Curioso — e que não lembra aqui — que essa estranha

“intenção do governo português em transformar o Brasil numa outra Índia” (p. 124)

foi em parte mantida no século XIX, na insistência do administrador do Império em culturas exóticas, como o chá, ao qual chega a dedicar mais atenção do que ao café, ou a referência às vantagens de camelos e dromedários, em idéias que chegam ser esdrúxulas.

O estudo sobre um agricultor ilustrado do século XVIII trata de dois manuscritos de Joaquim de Amorim Castro sobre a cultura do tabaco. O baiano foi Juiz de Fora da Vila de Cachoeira e sócio correspondente da Academia de Ciências de Lisboa, escrevendo estas memórias que o pesquisador encontrou na Biblioteca Nacional de Lisboa e no Arquivo Nacional no Rio de Janeiro. Amaral Lapa estuda as obras que achou, confrontando os dois originais, tabaco & pecuária, dificuldades à cultura fumageira, da “Malhada” à “Casa do Fumo”, tratamento dos rolos de tabaco, as experiências com tabaco de Virgínia no Brasil, da utilidade do tabaco segundo o memorialista, tendo em anexo os dois textos — o que valoriza muito o livro —, com a revelação de estudos fundamentais para a história econômica.

O último capítulo é a história de um navio — “Nossa Senhora da Caridade e São Francisco de Paula” ou apenas “Caridade” —, feito em estaleiro de Salvador, entre 1755 e 57 e que serviu até 88: introdução, a construção naval na Colônia, antecedentes da construção da nau, da idéia à execução, o material empregado, gastos com a mão-de-obra. É trabalho difícil, como se vê pelo simples uso de vocabulário. O autor domina bem a matéria, que escreveu tese com o título *A Bahia e a Carreira da Índia*.

É contribuição esclarecedora de aspecto básico da economia antiga do Brasil e sua tecnologia e que não tem despertado atenções, em parte pelas dificuldades que apresenta. É desses esforços que requerem pertinácia, modéstia e erudição na pesquisa para aprofundar minúcias.

Economia Colonial é livro que exigiu muito de investigação e elaboração. Implica em amplo conhecimento de História, Geografia, Cartografia, Ciências Naturais e tecnologia antiga. A pesquisa que supõe é imensa e afugentaria estudiosos menos dedicados. Basta que se veja a fonte que usa, técnica, árida e por vezes espinhosa: relatórios, documentos de autoridades, obras científicas especializadas, estudos históricos. Exigiu longas permanências em arquivos espanhóis, portugueses e brasileiros (Bahia, Pará, Rio de Janeiro, São Paulo). É dessas obras que não prendem o leitor comum, sim o especialista. Não tem o brilho fácil que leva à popularidade, mas a segurança de quem deseja o aprofundamento. Se quiséssemos lembrar algum livro brasileiro com o qual tenha afinidades, citaríamos *Caminhos e Fronteiras*, de Sérgio Buarque de Holanda, em que a pesquisa extensa e a erudição superior se unem para o esclarecimento de aspectos pouco vistosos, mas essenciais: *Caminhos e Fronteiras* é o principal livro de História do Brasil na perspectiva da Etnografia, na atenção a aspectos menores que constituem a base, com as técnicas e produtos, da vida econômica que vai fundamentar a social e política. O livro de Amaral Lapa tem afinidades com o citado, embora não tenha a mesma harmonia de construção ou o trato superior do estilo — o que não é diminuição, não fosse Sérgio Buarque de Holanda o historiador que mais superiormente escreve, talvez o único que tenha altas qualidades literárias na historiografia brasileira de ontem ou de hoje.

Na leitura de *Economia colonial* aprende-se um mundo de coisas sobre comidas, remédios, caça e pesca, formas primitivas de trabalho, caminhos, distâncias. Os estudiosos convencionais não têm apreço por esses dados, na falsa suposição da História como interessada só nos acontecimentos tidos por importantes, na aparência da realidade política, esquecidos que esta é projeção de um sem número de coisas menores. Sobretudo a História Econômica se apega a tais aspectos, que ela desconhece herois, nomes imponentes ou datas. Bem dizia Jean Fourastié que

“o esforço de nossa geração é achar, na banalidade cotidiana, a matéria essencial da ciência histórica”.

Assinala-se ainda a *Introdução*, em que o autor revela lúcido entendimento da problemática da historiografia econômica brasileira.

Compreende-se, pois, o êxito nas tarefas que realiza, uma vez que parte da visão correta do objeto e se serve de metodologia adequada: fato tanto mais elogiável quando se atenta que não faz exibicionismos introdutórios, como é corrente em certos cientistas sociais — já também entre historiadores —, que pensam menos no resultado do trabalho que nos métodos, transformados em fins, no esquecimento da própria etimologia que ensina que o método é um caminho para, não um fim em si. Obviamente, sem seu seguro domínio nada se faz — daí a justeza da preocupação —, mas só com ele também pouco se faz — daí o malogro de muita obra em que se expõe com amplitude a metodologia e depois o resultado é a velha narrativa, no abandono do que se pregou ou na incapacidade de aplicação.

A linguagem do livro é simples e direta. A única reserva é a de certos deslizes gramaticais: não gostamos de observações do gênero, mas cabe aqui o reparo pela frequência de enganos, uma vez que se poderia fazer o arrolamento de dezenas, que não apontamos por nos parecer um tipo de observação menor e de todo sem sentido em livro de qualidade. Consigne-se apenas o fato, que a crítica é sincera e não deve omitir aspecto menos recomendável, mas que não chega a comprometer.

Palavra de elogio cabe às ilustrações, às fotografias, aos mapas, às plantas de vilas, aos documentos reproduzidos, tão elucidativos do texto. Embelezam a edição, na alta qualidade da Editora Perspectiva.

É de trabalhos como o presente que necessita a historiografia econômica brasileira, para aprofundar ou rever o esquema convencional que adotou, de só considerar produtos que tiveram repercussão no comércio externo. Visão mais profunda da História requer o conhecimento de tudo: ao lado dos produtos-reis, os secundários, das técnicas aprimoradas, o labor primitivo; das áreas favorecidas e que deram a nota maior, as mais distantes e aparentemente sem interesse. Louve-se, portanto, o livro de José Roberto do Amaral Lapa, nome que já se firmou como historiador em outras obras e como professor de História que se distingue entre os mais operosos e lúcidos.